



**MENINAS MALUQUINHAS, SIM, PORÉM ATUANTES: PRÁTICAS
DE LEITURA LITERÁRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

***NUTS GIRLS, YES, BUT ACTIVE: LITERARY READING PRACTICES
FOR ELEMENTARY SCHOOL***

Edu Dias da Silva¹
Renato de Oliveira Dering²

Recebido em: 21/03/2023

Aceito em: 20/05/2023

DOI: 10.26512/aguaviva.v8i2

RESUMO: O ponto de partida para práticas de leitura literária é um bom material literário. O livro *As Meninas Maluquinhas* (2021) traça vários perfis identitários, físicos, culturais e sociais de meninas que buscam trilhar caminhos diversos em busca da felicidade. O foco deste artigo qualitativo de base exploratória é fomentar curiosidade e orientar professoras do ensino fundamental no trabalho da diversidade e na emancipação de meninas que podem ser o que quiserem ser ao longa da vida. Assim sendo, ao fim deste artigo trouxemos à baila a importância ao combate da desigualdade, da discriminação e luz para compreendermos verdadeiramente a história e a cultura brasileiras. Pois, pretendemos, assim, acumular forças para a formação de uma sociedade justa, igualitária e fraterna, livre de toda forma de preconceito, discriminação e opressão, independentemente da cultura, religião, raça e etnia, gênero e orientação sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Meninas Maluquinhas. Práticas de Leitura. Literatura. Ensino Fundamental.

ABSTRACT: The starting point for literary reading practices is a good literary material. The book *As Meninas Maluquinhas* (2021) traces various identity, physical, cultural and social profiles of girls who seek to tread different paths in search of happiness. The focus of this exploratory qualitative article is to foster curiosity and guide elementary school teachers in the

¹ Pessoa Trans (Travesti) com doutorado em Literatura e Práticas Sociais e mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB/Brasília/Brasil). Pesquisadora nos Grupos GIEL/CNPq e MULTI/CNPq. Professora de Línguas (Português, Inglês, Francês) e Pedagoga na Educação Básica da Secretária de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). E-mail: edu_france2004@yahoo.fr

² Professor Adjunto no Centro Universitário de Goiás (UNIGOIÁS/Goiás/Brasil). Pós-Doutor em Estudos de Linguagens (POSLING/CEFET-MG), Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Coordenador Projeto de Iniciação Científica (PIC) “Estudos decoloniais da linguagem, educação e do direito: letramentos e práticas interculturais” e Líder-pesquisador do grupo FORPROLL/CNPq/UFVJM. E-mail: renatodering@gmail.com



work of diversity and the emancipation of girls who can be whatever they want to be throughout their lives. Therefore, at the end of this article, we brought up the importance of fighting inequality, discrimination and light to truly understand Brazilian history and culture. Therefore, we intend, thus, to accumulate forces for the formation of a fair, egalitarian and fraternal society, being free from all forms of prejudice, discrimination and oppression, regardless of culture, religion, race and ethnicity, gender and sexual orientation.

KEYWORDS: *Meninas Maluquinhas*. Reading practices. Literature. Elementary school.

INTRODUÇÃO

A literatura e as práticas de leitura são indispensáveis à formação da pessoa cidadã. Elas agem como instrumentos de informação e transformação, agregando valores à vida das pessoas, no caso deste artigo, estudantes/crianças/meninas/adolescentes e professoras³ do ensino fundamental. Tem-se, assim, que é imprescindível que as salas de aula fomentem essa prática reflexiva que suscite a emancipação das alunas.

Um fato importante que se alia a isso é a compreensão das possibilidades que a literatura promove, principalmente por entender que “A literatura enquanto mimesis demonstra que não é possível estabelecer uma representação das ações humanas se não for por meio da linguagem” (DERING; SILVA, 2016, p. 40). Portanto, por meio da literatura e as práticas de leitura, a pessoa pode conhecer o passado, compreender o presente e posicionar-se criticamente no mundo, de acordo com Araújo (2018) e Silva (2020). Observado isso, faz-se necessário entender que as práticas sociais e culturais estão diretamente relacionadas às práticas de linguagem e, por assim ser, presentes nas ações pedagógicas. Portanto, defendemos que

ler para entender o mundo, tendo a leitura como instrumento de acesso a ele e o ambiente escolar, como um dos espaços para desenvolver o gosto pela

³ Optamos neste artigo a adoção dos determinantes no gênero feminino (professoras, alunas, meninas e etc.), tendo em vista que o gênero feminino é representativo de mais de 52% da população brasileira. Ele tem grande representação nos altos níveis de escolarização e ocupa boa parte dos assentos nos ambientes escolares de Educação Básica, de acordo com o Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2014; 2018). Portanto, o que se debate e o que se defende é a igualdade de gênero em suas funções e papéis sociais, bem como a proteção do direito básico de minorias. Seguindo este preceito, a corrente filosófica existencialista que tem entre seus maiores expoentes Simone de Beauvoir (1970) afirma que gênero e sexo biológico são dissociáveis sendo o gênero uma construção social e resultado de um processo historicamente construído por convenções que atribuem papéis específicos principalmente para as mulheres/meninas. Neste sentido, podemos entender que a mulher/menina é uma construção social que possui atributos específicos; e normalmente, a figura da mulher/menina é associada à vida privada enquanto a do homem/menino reserva-se ao espaço público.



leitura, são elementos chaves no desenvolvimento de práticas de leitura literária [...]. O texto literário ainda é considerado [...], como um todo, uma árdua tarefa, o que torna um dos principais complicadores para as práticas de leitura que fomentem a formação de leitores (SILVA; DERING; TINOCO, 2019, p. 365).

Sendo assim, concebemos a literatura como sendo direito humanitário, um processo no qual se reafirma a humanidade, os traços considerados essenciais para o exercício crítico-reflexivo da cidadania, a aquisição do conhecimento, a boa disposição para com outrem, o afinamento das emoções, a capacidade de adentrar nos problemas da vida, o senso do belo, a percepção da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor. “Logo, pensamos na construção de um ensino democrático que promova os direitos humanos e que inclua as mais variadas representações de mundo, culturas e vivências” (MACHADO; SILVA, 2021, p. 1209).

Portanto, entender a literatura apenas como a reprodução de autores e obras presentes em um espaço/tempo, reduz a sua teia de possibilidades a um ensino apenas para cumprir o conteúdo, que se restringirá à prática de “arquivar o que se deposita” (FREIRE, 2006, p. 38). Em tempos em que se convive cotidianamente com notícias falsas, escassez de diálogo, principalmente de caráter apaziguador, intolerâncias e indiferenças, a literatura é fundamental para expandir a consciência das pessoas (meninas e professoras) que estão em amplo processo de formação.

Se a literatura transforma, ela precisa também ser transformada e acompanhar as evoluções da sociedade para que não caia no descrédito. Por isso, é tão necessário que haja mudanças nas práticas de leitura.

É perceptível que em meados do século XIX e início do século XX, em pleno processo de desenvolvimento mundial, a sociedade não parecia reconhecer de nenhuma forma a importância e o valor do negro como ser humano e ser social, e a mulher como indivíduo potencialmente capaz. Obras como as de Monteiro Lobato e Machado de Assis, no Brasil, nos dão esse panorama. Logo, é através da arte que esses e tantos outros traços do comportamento e das relações sociais, foram apresentados e delineados, assim, apontados principalmente através da literatura (DERING; SILVA, 2016, p. 38).

Talvez, com os leitores literários entrando no foco das discussões, análises e percepções, se consiga salvar o ensino de literatura nos ambientes escolares (ensino fundamental, no caso). Complementando tal perspectiva, é eficaz proporcionar a reflexão por meio da linguagem literária, visto que “a leitura e a escrita são processos relacionados à construção de sentido, que



advém, entre tantos fatores, e aquisição de bagagens socioculturais, metodologias de ensino eficazes e a própria construção da linguagem” (DERING; SILVA, 2017, p. 2).

Em suma, neste artigo, a literatura é vista como sendo institucional (crítica literária), em sua dimensão sociocultural (instrumento de intervenção social), em sua dimensão histórica (pertencimento a um povo/época/comunidade) e em sua dimensão estética (fruição, belo, prazer e forma/estrutura), além de ser discurso, perfazendo um conjunto de enunciados, como esclarecem Santos e Silva (2021), Silva (2020) e Oliveira Paiva e Silva (2018).

Logo, nestas percepções supracitadas, as práticas de leituras literárias, enquanto ações educacionais, permitem entender a língua como um fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, estilizações e usos bem variados, fazendo com que as estudantes respeitem todas essas diferenças, posicionando-se criticamente diante de diversas visões de mundo e interagindo com grupos multilíngues e multiculturais.

Portanto, fazemos o convite às professoras e às leitoras, em particular e a todos, de forma geral, para vir sonhar com as aventuras de *As Meninas Maluquinhas* (2021), que no fundo, são apenas crianças felizes! O livro conta, também, com ilustrações e organização de Fábio Yabu e sendo uma livre inspiração na obra de Ziraldo. As autoras Andreza Delgado, Anna Claudia Ramos, Carolina Munhóz, Eliana Martins, Elizandra Souza, Márcia Kambeba, Míriam “Mikannn” e Paula Pimenta trazem histórias sobre meninas diferentes, mas que podem ser o que bem entenderem: princesas, fadas, bruxas, sonhadoras, maluquinhas, caubóis, campeãs de ioiô.

PERCURSO METODOLÓGICO E REFLEXIVO

Começamos esta parte com a apresentação e as características da pesquisa qualitativa na modalidade de análise exploratória repensada na perspectiva de Denzin e Lincoln (2006) e Silva (2017). E assim, faz-se uso da Sociologia da Leitura de Ribeiro (2017) e Silva (2020), como o referencial metodológico adotado para a pesquisa apresentada neste artigo.

Quanto à prática de pesquisa em si, e sua incondicional importância, “o pesquisador observa o mundo de maneira diferente, buscando ir além do senso comum, pois procura em suas visões explicação para os mais variados fenômenos” (TEZANI, 2004, p. 3). Assim, os papéis dos pesquisadores são o de servir como veículo inteligente e ativo entre determinados conhecimentos acumulados em uma área e suas novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).



Segundo Lüdke e André (2013, p. 1), “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”, realizando, assim, o pensamento e a ação no desenvolvimento de uma pesquisa. A pesquisa qualitativa exploratória, por possuir um conjunto crescente de opções metodológicas, assume um papel de destaque quanto à sua prática social, aumentando as responsabilidades dos pesquisadores durante o processo da pesquisa.

Nesta perspectiva, uma investigação qualitativa exploratória reflete uma relação dual, em que tanto pesquisadores quanto os participantes da pesquisa colaboram ativamente no processo de produção de sentidos. Desta forma, o processo de pesquisa qualitativa exploratória contempla três conjuntos de decisões, relacionadas com ontologia, epistemologia e metodologia. Nesse contexto, conforme asseveram Denzin e Lincoln (2006, p. 32-33), os pesquisadores percebem o mundo como “um conjunto de ideias, esquemas (teorias, ontologia), bem como uma série de questões (epistemologia), as quais são examinadas em aspectos específicos (metodologia, análise)”.

MENINAS MALUQUINHAS, SIM, PORÉM ATUANTES

Nas últimas décadas, o interesse direcionado ao leitor no campo das teorias literárias, sobretudo no Brasil, apresenta um verdadeiro crescimento. Da estética da recepção dos anos 1970, passando pela poética da leitura dos anos 1980, até as abordagens históricas mais recentes da leitura, o leitor foi elevado a um lugar de destaque a despeito daquele do autor ou do próprio texto, segundo Silva (2020).

Entendemos, portanto, que o que importa para os estudos literários não é somente o modo ou a origem como é concebido um texto, todavia é preciso uma verificação mais minuciosa acerca de outros aspectos que o fazem e o perfazem, como por exemplo, o sujeito-leitor e sua relação com o tempo histórico e cultural. (DERING, 2012, p. 4)

Isso ocorre pois, “durante o processo de constituição de sentido, é de certa maneira o próprio leitor que está sendo constituído; em decorrência do que o leitor produz, algo que lhe sucede” (ISER, 1999, p. 80). Essa mudança de paradigma permitiu operar uma ruptura com a crítica e a historiografia literárias tradicionais. Nesse sentido, os trabalhos de Roland Barthes, Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser, Umberto Eco, Roger Chartier, Michèle Petit, Regina



Zilberman, Maria da Glória Bordini, Graça Paulino, Marisa Lajolo, Vera Teixeira de Aguiar e Ezequiel Theodoro da Silva e Rildo Cosson, dentre outros pesquisadores, abriram caminhos para uma reflexão sobre as leituras e os leitores como elementos constitutivos e indissociáveis da análise do fato literário, e permitiram também enfatizar a dimensão sociológica contida no ato de ler, conhecida também como práticas de leitura.

A Sociologia da Leitura investiga os possíveis fatores que conduzem os leitores a ler determinada obra/texto/autor, tais como nível socioeconômico, família, ambiente escolar, amigos, presença/ausência de uma fonte de pesquisas, igreja, biblioteca, banca de revistas, clube de leitura, entre outros. Os estudos baseados nessa teoria consideram a presença dos mediadores no processo da leitura como fator fundamental. Segundo a Sociologia da Leitura, muitas são as formas pelas quais um texto pode chegar até as mãos de uma comunidade ou de um leitor, como elucidado por Ribeiro (2017) e Silva (2022).

A prática de leitura literária e a formação de leitoras não são caminhos retos, nem um mar calmo e regular, e sim um terreno fértil de possibilidades e engendramentos. Cada criança leitora trilha, navega e cultiva seus próprios percursos e constroem suas trajetórias e seus encantamentos, como elucidados por Silva (2020), Lucena (2018) e Dering e Silva (2017).

Outrossim, Freire (2006), reverberando e servindo de sustentação das ideias dessas pensadoras, relata que ler é antes de tudo aprender a ler o mundo, compreendido, não por uma manipulação estruturante de palavras, mas como forma dinâmica que liga a linguagem e a realidade. Dessa maneira, ainda de acordo com este autor, ler é criar uma relação entre o texto lido e o contexto das leitoras que interagem construindo significados.

uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1990, p. 09).

Adentrando no livro *As Meninas Maluquinhas* (2021), temos o conto “A menina que tinha medo do espelho” de Andreza Delgado nos apresenta a jovem e adorável Ana, uma menina tão comum quanto seu nome, que adora macarrão e histórias em quadrinhos. Cercada de amigos, ela sonha com algo de que nenhuma criança deveria ser privada. Este conto pode ilustrar a compreensão do funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de



discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Tem-se, assim, que na “leitura, o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios” (SOLÉ, 1998, p. 18). Portanto, propor uma reflexão sobre tal ponto mobilizam práticas sociais para se pensar em uma educação mais crítica.

Já no conto “Abrindo a porta” temo a dualidade entre o real e o imaginário, quem nunca teve um armário cheio de fantasias? A autora Anna Claudia Ramos explora a riqueza da imaginação infantil com sua maluquinha que quer ser bruxa e caubói, e ainda ama futebol de botão, podemos usar este conto para Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

A valorização da leitora enquanto sujeito ativo no processo de leitura e na percepção dela com o mundo é imprescindível, como Freire (1990) já trazia e corroboram os estudos de Silva e Dering (2017). É preciso que identidades sejam não apenas vistas, mas respeitadas.

O conto “A menina fadinha” traz os sonhos como possíveis, além de ser realizáveis. Eles confortam as noites e nos impulsionam em direção ao que desejamos, a autora Carolina Munhóz nos apresenta a menina fadinha, cujo sonho a levou a viajar ao redor do mundo, podemos usar este conto para compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

No conto “Mira Bolante”, temos uma menina que pode ser tudo o que quiser. Mas o que acontece se ela quiser ser tudo de uma vez só? A autora Eliana Martins nos apresenta uma personagem encantadora, que tem os dedos no mundo digital e também em um bom e velho ioiô. O universo do digital e das tradições locais e nacionais podem ser mobilizadas nas práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

“A menina Malunguinha” com a pele café com mel, cabelos crespos e o banzo no olhar, nos permite refletir a paixão e a alegria de tantas maluquinhas que vemos por aí. É impossível



não se apaixonar por essa personagem de Elizandra Souza e “A menina da matinta” que traz para deleite dos/das leitores uma maluquinha nascida na floresta, guardiã dos nossos animais e das nossas árvores de autoria de Márcia Kambeba nos apresenta essa incrível personagem, que mistura o melhor do folclore com sua linda poesia.

Em ambos os contos, sugerimos enquanto práticas de leitura trabalhar a compreensão dos processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

“A menina e o colibri”, neste conto lúdico, Míriam “Mikannn” Castro, uma menina sonha com um colibri. Com ele, aprende que a fantasia muitas vezes pode ganhar vida no mundo real, a menina sonhadora nos relata que ter a cabeça nas nuvens não deveria ser problema para ninguém, pelo contrário, é um elogio. Nesta história de Paula Pimenta, a gente entende o porquê das coisas, pois podemos utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

Parafraseando Rubens Alves, conhecimento que não decifra a vida e não ilumina o mundo não é conhecimento. É enganação. Assim sendo, é importante para combater a desigualdade, a discriminação e para compreender verdadeiramente a história e a cultura brasileiras. Reverberando Silva e Souza-Dias (2017) e Sousa, Oliveira Paiva e Silva (2019), pretendemos, assim, acumular forças para a formação de uma sociedade justa, igualitária e fraterna, livre de toda forma de preconceito, discriminação e opressão, independentemente da cultura, religião, raça e etnia, gênero e orientação sexual.

É preciso ter em mente que o sucesso do aprendizado dos/das estudantes do ensino fundamental está estreitamente ligado à organização dos/das professores(as) com relação ao material que será oferecido. A leitura literária, nesse sentido, é um momento de potência para que se promovam práticas de linguagem menos excludentes, visto que “o lugar vazio induz o leitor a agir no texto” (ISER, 1999, p. 156).



Sendo assim, a ideia defendida pelo uso de *As Meninas Maluquinhas* (2021) para fomentar práticas de leitura para que as/os estudantes compreendam o caleidoscópio cultural brasileiro, assim como perceber as diferentes formas de representação de si. Ademais, o intuito deste artigo foi propiciar à/aos estudantes e às/aos professoras(res) condições para se tornarem capazes de: i) dialogar e criar entendimento mútuo, além de compreender o outro, ii) desenvolver o debate de ideias de maneira crítica, baseando-se no respeito e na ética, com consideração de diferentes perspectivas e valores culturais, ii) valer-se de diferentes linguagens e mídias, em diferentes processos de interação, com uso crítico de ferramentas (não) digitais.

Outrossim, os/as professores(as) de cada área devem fazer um planejamento disciplinar abrangente. Assim, os/as alunos(as) poderão ampliar o repertório e ter contato com diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto e isso pode contribuir com a formação de um sujeito mais apto a ler criticamente a realidade. Vale lembrar que “participar não significa, em vista desta estrutura, que o leitor incorpore as posições manifestas no texto, mas sim que haja sobre elas” (ISER, 1999, p. 157).

Além disso, buscamos aperfeiçoar a capacidade dos/das estudantes de elaborar e avaliar metas e construir suas identidades, para exercer proativamente seus variados papéis sociais, conhecendo seus direitos e deveres como cidadãos/dãs, e agindo por meio das linguagens em favor deles e da transformação social.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v. 1. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BRASIL. IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551>. Acesso em: 07 jul. 2022.

BRASIL. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101459.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2022.

COSSON, Rildo José. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

DELGADO, Andreza *et al.* **As Meninas Maluquinhas**. São Paulo. Melhoramentos, 2021.



- DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2006.
- DERING, Renato de Oliveira. **A cultura de massa em diálogo com questões de teorias literárias**. Dissertação. (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais. 2012. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4860> Acesso: 10 jul. 2022.
- DERING, Renato de Oliveira Dering; SILVA, Thaís Fernanda da. Diálogo entre ficção e realidade: a linguagem literária como uma das representações de mundo. **Revista Anhanguera**, Goiânia, v.17, n. 1, jan/dez, 2016, p. 36- 42. Disponível em: https://anhanguera.edu.br/wpcontent/uploads/03_dialogo_entre_ficcao_e_realidade_2016_36_4.pdf Acesso em: 11 jul. 2022
- DERING, Renato de Oliveira; SILVA, Eduardo Dias da. Cinco (im)possibilidades para a formação de leitores no ambiente escolar público. **Revista Água Viva**, v. 2, n. 1, 18 jan. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/10332/9198> Acesso em 07 jul. 2022.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Joahannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999. Volume II.
- LUCENA, Bruna Paiva de. Percursos de leitura, trajetórias de leitoras: A formação de leitoras/es vista por estudiosas da língua e escritoras. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília**, v. 5, n. 3, ago. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/546>. Acesso em: 07 jul. 2022.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.
- MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins; SILVA, Douglas Vinícius Souza. Ensino de literaturas e decolonialidade: por uma educação literária democrática. **Gragoatá**, Niterói, v.26, n.56, p. 1207-1240, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v26i56.49166> Acesso em: 11 jul. 2021.



OLIVEIRA PAIVA, Francisco Jeimes de; SILVA, Edu Dias da. Uma análise literária da representação das personagens femininas no conto sentimento, de Moreira Campos. **Revista Água Viva**, [S. l.], v. 3, n. 3, 2018. DOI: 10.26512/aguaviva.v3i3.24877. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/24877>. Acesso em: 7 jul. 2022.

RIBEIRO, Maria Luzineide P. da Costa. **Uma teia de relações**: o livro, a leitura e a prisão: um estudo sobre a remição de pena pela leitura em penitenciárias federais brasileiras. 2017. 240f. Tese (Doutorado em Literatura). IL/LET/PósLET/UnB, Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/25177>. Acesso em: 07 jul. 2022.

SANTOS, Pedro Lôbo dos; SILVA, Edu Dias da. A educação escolar indígena como fortalecimento da identidade cultural dos Potiguara da Paraíba/Brasil: considerações iniciais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 105–113, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661506>. Acesso em: 7 jul. 2022.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

SOUSA, Joana Paula Silva; OLIVEIRA PAIVA, Francisco de; SILVA, Edu Dias da. Multimodalidade da resistência negra: uma análise visual crítica da materialidade discursiva em memes digitais. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out-dez, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/8275> Acesso em: 07 jul. 2022.

SILVA, Edu Dias da; SOUZA-DIAS, Romar. Letramento racial mediado pela literatura infantojuvenil na educação básica. **Revista InterteXto**, Uberaba, v. 10 n. 2 p. 1- 18, 2017. Disponível em: <http://seer.ufm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/2424/2748> Acesso em: 07 jul. 2022.

SILVA, Edu Dias da. Je speak español: Aquisição/aprendizagem de língua estrangeira por alunos do quinto ano do Ensino Fundamental em um CIL do Distrito Federal. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 4, n. 2, p. 54-61, maio 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/142>. Acesso em: 07 jul. 2022.

SILVA, Edu Dias da; DERING, Renato de Oliveira; TINOCO, Robson Coelho. Práticas de leitura. **Fólio** – Revista de Letras, v. 10, n. 2, fev. 2019. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/4201>. Acesso em: 07 fev. 2022.



SILVA, Edu Dias da. **No jardim das leituras**: similitudes e diferenças entre o lido e o vivido pelas formadoras de leitores do Distrito Federal: o caso da pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília. 140f. Tese (Doutorado em Literatura). UnB/IL/LET/PósLIT, Brasília, 2020. Disponível em <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/40755>> Acesso em 07 jul. 2022.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. As interfaces da pesquisa etnográfica na Educação. **Revista Linhas**, v. 5, n. 1, p. 1-17, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1237/1050>. Acesso em: 07 jul. 2022.